

A política do êxtase

*Entrevista com GEORGES LAPASSADE
conduzida por M. TAVARES DA SILVA
e LUIS SOCZKA*

GEORGES LAPASSADE — Hoje poderíamos começar por falar de Vincennes, a Universidade de Paris VIII, enquanto lugar experimental de uma nova forma de pedagogia e de abertura aos trabalhadores, na qualidade de herdeira do espírito de Maio de 1968.

MANUEL TAVARES DA SILVA — Talvez possas começar por nos contar um pouco da história de Vincennes e desse método pedagógico de que falas?

G. L. — Ora bem: Vincennes é a Universidade de Paris VIII, situada num enclave da floresta de Vincennes, mas pertencente à cidade de Paris. A ideia de criar essa Universidade foi de Edgar Faure, quando este foi ministro da Educação de De Gaulle, após os acontecimentos de Maio de 68. Edgar Faure era um antigo radical-socialista, que se passou mais ou menos para o gaullismo de esquerda, digamos. E o general De Gaulle chamou Faure para a pasta da Educação após a crise de Maio de 68, considerada justamente como uma crise universitária e escolar, entre outros aspectos. Pelo menos teve a sua origem na Universidade, que carecia de ser reformada. Edgar Faure ocupou a pasta da Educação em Junho de 68 e pôs em marcha a reforma do Ensino Superior em França. E foi neste quadro que criou as Universidades experimentais: Vincennes, Paris-

-Dauphine (nas antigas instalações da NATO) e Marseille-Lumigny.

LUIS SOCZKA — O que é uma Universidade experimental?

G. L. — Num primeiro momento não se lhes chamava Universidade, mas sim Centros Universitários Experimentais. Isto significa, em primeiro lugar, que aí se praticava a interdisciplinaridade. Em segundo lugar, havia uma avaliação contínua dos conhecimentos. Em terceiro lugar, um ensino moderno que opera essencialmente uma abertura aos trabalhadores. Em quarto lugar, adoptou-se o trabalho em pequenos grupos.

M. T. S. — Em que sentido?

G. L. — Isto é, em vez de se proceder ao ensino magistral, tentava-se trabalhar com os estudantes em pequenos grupos.

M. T. S. — Com novas formas de avaliação?

G. L. — Com novas formas de avaliação. Concretamente, isto quer dizer que as pessoas que instituíram Vincennes, em 1968, adoptaram um sistema de avaliação baseado no método dos «créditos» americanos, chamados «unidades de valor». Fizeram este achado das «unidades de valor» para não dar a ideia de que a coisa era demasiado americana... Este método ultrapassou Vincennes e desenvolveu-se posteriormente noutras Universidades francesas. O sistema é interessante. Por exemplo,

conversei bastante com um estudante do I.S.P.A. que, para além da Psicologia, se interessa muito por Economia. Ora as cadeiras que ele fez no Instituto Superior de Economia não se vêm acrescentar às cadeiras que ele faz em Psicologia no I.S.P.A. Isto é: se ele quiser ser psicólogo, cumpre os cinco anos do I.S.P.A. e depois se quiser vai estudar Economia. Isto é: não faz entrar os seus estudos de Economia, ou Antropologia, ou Sociologia, etc., no seu curso de Psicologia, e vice-versa. Ao passo que em Vincennes o estudante de Psicologia deve cumprir 38 unidades de valor para ter o bacharelato, das quais 16 devem ser em Psicologia. Mas pode completar essas 16 unidades com aquilo a que se chama as *subdominantes*, e que se podem situar nos cursos de Ciências Políticas, Economia, Sociologia, etc. Por outro lado, o ensino não está organizado por anos: se o fulano só pode fazer duas unidades de valor por ano, só faz duas, se puder fazer mais, faz mais. Compete-lhe encontrar o seu ritmo próprio.

M. T. S. — E não há precedências?

G. L. — Não. Em certos departamentos, sim, como aliás é o caso da Psicologia. Mas noutros departamentos, como o de Ciências Políticas, que é o meu, não. Não existe nenhuma progressão pré-determinada. Há muita gente que se queixa disso. Mas o estudante é livre de estudar o que quiser. Se quiser formar-se em Ciências da Educação, por exemplo, pode estudar Dinâmica de Grupo, Estatística, Política da Educação, Economia da Educação, Pedagogia, Tecnologia da Educação, etc., e pode escolher entre estes temas todos, devendo no entanto fazer uma certa dosagem, digamos assim, mas muito pouco rígida. Deverá, por exemplo, fazer um terço de Métodos Áudio-Visuais, um terço de Dinâmica de Grupo, e, suponhamos, um terço de Tecnologia da Educação. Mas é muito plástico. O estudante escolhe o que quer. E, mesmo se quiser fazer um terço de Dinâmica de Grupo, pode escolher entre 15 professores diferentes!

M. T. S. — E na mesma unidade de valor pode encontrar professores que seguem correntes muito diferentes?

G. L. — Claro. Um faz bioenergia, outro faz *gestalt*, outro faz dinâmica de grupo clássica, outro análise institucional ou sócio-análise, etc. O estudante escolhe o que quer e isso depois conta, em somatório, para o seu diploma final.

L. S. — Olha lá, Georges, há uma coisa que me parece curiosa: é que é o Faure quem cria a Universidade de Vincennes. Ou seja: é o poder de direita que cria uma Universidade esquerdista. Porque Vincennes é uma espécie de *ghetto* do esquerdismo, em França, não?

M. T. S. — No sentido da fórmula americana do esquerdismo, não é verdade?

G. L. — Exacto, nesse sentido. Ora bem: primeiro, após Maio de 68, eu fui um dos que contestaram Vincennes, no momento da criação. Havia um movimento esquerdista que atacou violentamente o projecto de Vincennes, dizendo que essa Universidade seria «a montra do Poder». Enfim, que o Poder queria manter a sua imagem, «estão a ver como nós somos liberais, até abrimos a Universidade aos trabalhadores, até temos um ensino superior de vanguarda, com interdisciplinaridade e tudo?», etc. Penso que efectivamente (é raro dizer-se isto) havia este modernismo; era evidente que a Universidade estava em crise e eu neste momento penso que Edgar Faure foi sincero quando achou que era preciso experimentar algures novas fórmulas. É claro que em Vincennes fez uma Universidade esquerdista. Mas simultaneamente criou Dauphine, que não é esquerdista, embora seja de esquerda, e é uma Universidade das Ciências de Gestão. E Marseille-Lumigny, que é uma Universidade de Ciências Experimentais, e também não é esquerdista. Também estas são experimentais, como Universidades.

M. T. S. — E com o mesmo sistema de ensino?

G. L. — Sim! Sem exames finais, com avaliação contínua, etc. O sistema é análogo.

L. S. — Mas Faure, ao tomar essa decisão, tomou uma decisão política, uma decisão do Poder. Ora, quando se trata de Poder, talvez não seja mau começar por desconfiar. Qual é

o benefício para o sistema que advém da criação de Vincennes?

G. L. — Se é verdade que é bom desconfiar do Poder, deve-se também desconfiar da crítica do Poder.

L. S. — Podes explicar?

G. L. — Talvez o Poder seja rígido. Mas a crítica do Poder anuncia muitas vezes poderes ainda mais rígidos, se tomar o Poder.

L. S. — Não estou a anunciar nada. Estou só a dizer que uma decisão política não é tomada sem ter em conta objectivos políticos, que pesam no prato da balança de quem toma as decisões, neste caso o Poder. Em princípio, um sistema não se auto-reforma senão para assegurar a si mesmo melhores condições de sobrevivência, não é verdade?

G. L. — Não creio que se deva, de facto, ter a visão que nós tínhamos há dez anos, demasiado simplista e paranóica, acerca da decisão de Faure: queria Faure manipular os esquerdistas ao criar Vincennes? Foram os próprios esquerdistas que se precipitaram para Vincennes! Os maoístas, etc. Bom. Foram estes tipos que decidiram ir para Vincennes e fazer dali uma «base vermelha». Foram porque quiseram, poderiam ter ficado em Nanterre ou na Sorbonne, ninguém os obrigou a ir para lá, para Vincennes. Por outras palavras: talvez Edgar Faure tenha lançado uma isca aos esquerdistas, criando para eles um lugar atractivo. Mas foram os próprios esquerdistas que aceitaram a atracção! E não eram crianças nenhuma, esses esquerdistas! Eram tipos que tinham estado nas barricadas no mês de Maio, eram tipos de 25 anos, que tinham sido militantes, que tinham sido condutores de massas em Maio de 68! Como é que se explica que se tenham todos precipitado para Vincennes? Como vês, é demasiado fácil dizer que foi uma manipulação de Edgar Faure, a criação de Vincennes. Será talvez um *ghetto* para os esquerdistas. Mas quem entrou no *ghetto* foram os próprios esquerdistas.

L. S. — Então Vincennes não corresponde a uma estratégia do Poder?

G. L. — O que eu digo é que serve alguns sectores de vanguarda do capital, da sociedade capitalista industrial, como por exemplo Bleustein-Blanchet, que é uma agência de publicidade muito conhecida, nos Campos Elíseos, e que parece ter afirmado que preferia ter nos seus quadros um estudante de Vincennes do que um estudante da Sorbonne ou de outro sítio qualquer, porque em Vincennes os estudantes aprendem a fazer cartazes, jornais de parede, propaganda subversiva, etc., e portanto desenvolvem a sua criatividade gráfica que pode ser muito facilmente utilizada na publicidade.

L. S. — E, portanto, o esquerdismo é recuperado?

G. L. — É, de qualquer forma, recuperável, não sei se é recuperado de facto. O que sei é que Passeron, que ensina Sociologia em Vincennes, me dizia um dia que via com maletas à James Bond, tipo jovem quadro, tipos que em Vincennes tinham militado na extrema-esquerda! Iam para as empresas e funcionavam aí como quadros *new look*, nova vaga, descontraídos, na moda, eficazes, com um certo espírito de contestação, de crítica social, etc., que podem ser muito úteis para a necessidade que têm as empresas modernas de contar com um certo movimento, uma certa vida social, no seu interior. Claro que podemos pensar que o movimento de Maio de 68 foi um reajustamento da sociedade capitalista, que também tem necessidade de ter as suas crises. E quando não as tem, introduz-las artificialmente, através da sócio-análise, diga-se de passagem. Precisa dessas crises para se regenerar e poder arrancar de novo. Maio de 68 foi uma chicotada na economia francesa. E, em última análise, a vanguarda do capital português tinha necessidade de acabar com o fascismo, toda a gente sabe isso, e precisava do 25 de Abril. É o mesmo fenómeno.

M. T. S. — Encontramos então aí, talvez, a justificação de Faure, para Vincennes, não?

G. L. — Sim. Bem, eu não conheço Faure pessoalmente, não sei concretamente quais as suas intenções exactas, mas é um tipo moderno,

liberal, astuto, que tinha por missão desarticular algo que era violento, explosivo, e isto por uma via democrática, não-autoritária. Como já o tinha feito para desarticular as lutas camponesas, etc. Aqui, a sua missão era desarmar a bomba universitária, acabar com a grande crise. E ele soube fazê-lo, e conseguiu uma estabilização.

M. T. S. — Então, o novo capitalismo, e Vincennes, e tudo isso, é a tecnocracia?

G. L. — Não exactamente. Vincennes é mais do que isso! Fazendo o balanço dez anos depois, o que nós neste momento temos essencialmente em Vincennes (sem o termos querido à partida!), é a Universidade aberta a pessoas sem o «bac» (o 7.º ano do liceu), e pessoas do Terceiro Mundo. Negros e árabes. Porque houve algo que não foi previsto por Faure, mas que correspondeu ao impulso esquerdista, e foi justamente a entrada em massa para a Universidade de Vincennes de indivíduos sem o diploma de estudos secundários. Faure não tinha pensado nestes, mas sim nos trabalhadores, o que é diferente; tinha pensado em pessoas que viriam estudar à noite, como no I.S.P.A. Mas os esquerdistas impuseram a presença dos indivíduos sem o «bac». Em segundo lugar, o Terceiro Mundo produz muitos indivíduos que não têm essas habilitações, no proletariado e na pequena burguesia do Terceiro Mundo, dadas as enormes e violentas desigualdades sociais que aí encontramos (em Marrocos há 20 % de candidatos aprovados no «bac!»). Ora o que fazem estas pessoas? Vão para Vincennes. As pessoas dizem umas às outras: não passaste no «bac»? Hop! Vincennes!

L. S. — A imagem que se tem de Vincennes, não apenas em Portugal mas mesmo noutras Universidades francesas, é a de que Vincennes é verdadeiramente a grande barafunda, é a facilidade, é zero, é o fantasma de Maio de 68.

G. L. — Nem sempre isso é verdade. Em todo o caso, no que toca à Psicologia, não é verdade.

M. T. S. — Como é que os professores vão parar a Vincennes?

G. L. — Foi escolhido um núcleo instalador, em 1968. Escolheram um professor de Filosofia, Michel Foucault; Passeron para a Sociologia, Dommergues para a língua inglesa, Debeauvais para as Ciências da Educação, etc.

M. T. S. — Sem critérios, ao acaso?

G. L. — Ah, não! Com critérios: doutorados, professores auxiliares, etc.

M. T. S. — Claro, mas não me refiro aos critérios formais, e sim aos critérios políticos.

G. L. — Ah, bom! Houve mais ou menos critérios políticos, de amizade, de clã, de clique universitária. Por exemplo, candidatei-me a ir para o grupo de sociologia do Passeron, e o Passeron respondeu-me: «Não, porque virias quebrar a nossa unidade epistemológica!» Não entrei nessa altura. Entrei mais tarde, quatro anos depois, mas para o Departamento de Ciências Políticas e não para o de Sociologia. Entrei devido a uma intriga política ...

M. T. S. — Essa da intriga política joga bem com o Departamento de Ciências Políticas ...

G. L. — Um tipo da extrema-esquerda veio ter comigo porque eles estavam convencidos que o P.S.U. queria amarrar o Departamento. E disseram: para quebrar a ascensão do P.S.U. que ameaça o Departamento, vamos buscar o Lapassade, que é um gajo que dá cabo de tudo. Era para dar cabo do P.S.U. no Departamento. E fizeram-me eleger na Assembleia Geral, contra pessoas que aliás eram minhas amigas, o que é interessante e engraçado. Enfim, é um pequeno pormenor ...

M. T. S. — René Loureau também está em Vincennes, não está?

G. L. — Está. Foi para Vincennes depois daquela história, na Universidade de Poitiers, em que considerou toda a malta apta. Foi expulso de Poitiers por causa disso: não controlava, fingia que fazia exames e no fim todos os estudantes eram considerados aptos. Loureau acha que não tem nada que andar a fazer exames às pessoas. Se um tipo está inscrito, está passado.

L. S. — Aliás, é também o teu caso, não é?

G. L. — É. E no Departamento de Filosofia também acontece assim. Mas eu de há um ano

ou dois para cá faço de conta que faço exames. Peço aos estudantes uma chachada escrita que nem sequer controlo, para ver se é bom ou se é mau, mas que serve para o Ministério ficar contente em caso de uma averiguação. Mas muitas vezes são dez estudantes a assinarem um raio de um papel que foi escrito só por um deles, é claro.

L. S. — Portanto, se bem percebo, Vincennes é uma espécie de instituição contra-institucional?

G. L. — Sim ... Pode dizer-se isso, sim.

L. S. — E essa tua atitude é geral?

G. L. — Não! Cada vez mais rara.

M. T. S. — E no início? Era assim?

G. L. — Sim! No início era assim, era geral. E houve mesmo reaparecimento das aulas magistrais. O Nikos Poulantzas dá aulas magistrais, por exemplo. E no Departamento de Psicologia também há quem as dê. Os comunistas não são adeptos desta modalidade, atenção! São pelo controlo total. Deploram a bandalheira esquerdista. E controlam o Departamento de Línguas, por exemplo. No início houve mesmo conflitos entre os esquerdistas e os comunistas.

L. S. — Quando falas da crítica comunista à «bandalheira esquerdista», referes-te também à questão da droga?

G. L. — Ah, sim! Já que falas no problema da droga, essa questão rebentou em Vincennes há perto de três meses. Em Vincennes o Reitor, o Merlin, é socialista. Tendência Mitterrand, topas? Tecnocrata, engenheiro. Apoiado pelos comunistas do P.C.F., do Marchais. Que antes já tinham tido o seu reitor comunista, nos cinco anos anteriores. O mandato dura cinco anos: houve um reitor comunista, agora é um reitor socialista. Depois haverá um reitor comunista, depois um socialista, e assim por diante ...

L. S. — Ora aí está o Programa Comum ...

G. L. — Exacto. É o Programa Comum! Até ver. Mas havia uma forte maioria esquerdista que foi lentamente vencida devido à erosão do esquerdismo, à demissão progressiva do esquerdismo, e é assim que no início do poder

comunista-socialista foi violentamente contestado pelos maoístas, trotskistas, anarquistas, etc., e neste momento deixa-se-lhe cada vez mais o poder efectivo. Enfim, com a resistência tradicional de Vincennes. Ora bem: quando a questão da droga explodiu em Março de 77, assistiu-se ao fenómeno do silêncio dos esquerdistas. E até estavam muito incomodados. Porque por um lado não podiam apoiar o Programa Comum, que contestam no plano político, mas por outro lado também diziam: não podemos defender a droga!

Ora o poder socialista-comunista, através do reitor, começou por atacar um *souk*, mercado essencialmente árabe, onde se vendiam *merguez*, salsichas de carneiro, *couscous*, etc. Atacaram o *souk*, sob pretexto de que não havia condições de higiene, não havia controlo dos alimentos, podia intoxicar o pessoal, etc. E rebentaram com o *souk* quando acabaram as férias da Páscoa.

Segunda etapa: ataque ao mercado da droga, que funcionava no Grande Anfiteatro. Mas aqui era mais difícil o desmantelamento. A questão durou dois meses. Eu tomei posição, defendendo a venda livre da droga. Fui o único professor a fazê-lo, diga-se de passagem. A minha posição é esta: as drogas «moles» não são nocivas, e quanto às drogas «duras» não se resolve o problema através da repressão.

M. T. S. — E foste o único professor a tomar essa posição?

G. L. — Sim. Até os clínicos, como Michel Lobrot, que diziam: «Pois, sim, com efeito, não é?», não mexeram uma única palha. O que acontece é que em Vincennes os professores estão cada vez menos *presentes*. É um pouco como vocês no I.S.P.A. Verifiquei que os psicossociólogos do I.S.P.A., como tu e o Vala, fazem intervenções psicossociológicas *fora* do I.S.P.A. Mas ficam calados durante as assembleias gerais. E em Vincennes é a mesma coisa: além de mim, há muito poucos psicossociólogos que actuem no processo da instituição de onde todavia auferem os seus principais rendimentos.

M. T. S. — Mas há uma certa impossibilidade em actuar como psicossociólogo numa

instituição em que se está implicado, não achas?

G. L. — Não creio. É mais fácil quando se é um perito, um especialista convidado a vir do exterior. Mas deve-se agir, pode-se agir, actuar! E devo dizer-te que o único grupo «psicossociológico» que se manifestou em Vincennes acerca da questão da droga foi o grupo da Análise Institucional, René Loureau, eu, Rémi Hess. As pessoas que «militam» na Análise Institucional e na Sócio-Análise foram as únicas a tomar posição perante os problemas do *souk* árabe e da droga.

M. T. S. — E essa tomada de posição não foi interpretada como uma posição política?

G. L. — Sim! Claro que sim!

M. T. S. — Em que sentido?

G. L. — Pois, no sentido em que toda a gente sabe que o grupo da Análise Institucional saiu dos acontecimentos do 22 de Março de 68, que Loureau era professor em Nanterre, era amigo de Cohn-Bendit, que as pessoas que fazem sócio-análise em Vincennes são da geração de Cohn-Bendit, e que por conseguinte se trata também de um grupo político. É uma corrente de Vincennes. Nós pensamos que não podemos ficar indiferentes em relação a Vincennes, como instituição. Se o Loureau e eu ensinássemos no I.S.P.A. não tenhas dúvidas de que os nossos seminários incidiriam sobre a própria vida e dinâmica do I.S.P.A., enquanto instituição. É a própria lógica da sócio-análise!

M. T. S. — Mas não haverá aí uma contradição entre o antiesquerdismo que tu e o Loureau manifestam nessas posições, e as tomadas de posição sócio-analíticas, intervencionistas, que são declaradamente esquerdistas? Creio que no I.S.P.A. foi essa a grande interrogação das pessoas: porque vêem em ti um antiesquerdismo que é simultânea e activamente esquerdista ou pertencente a uma direita imaginária. Percebes?

G. L. — Vamos lá a ver se nos entendemos: o esquerdismo que nós criticamos é o esquerdismo autoritário, aquilo a que chamamos o *esquerdismo institucional*, o esquerdismo trotskista e maoísta, no contexto francês, mas não

o esquerdismo libertário, antiautoritário. O movimento institucionalista é ele próprio um movimento esquerdista, mas antiautoritário.

Creio que na esquerda francesa há ainda uma tradição antiautoritária, libertária, com reflexos de recusa da autoridade. Acabo de receber o meu correio de Vincennes. O reitor foi atacado numa publicação da SGEN-CFDT, de tendência cristã de esquerda, num artigo com o título: «John Wayne em Vincennes». Onde se diz: esse gajo não é de esquerda, esse socialista trabalhou para a Prefeitura da Polícia, esse socialista promete-nos um futuro inquietante, no caso da esquerda tomar o Poder com o seu Programa Comum, etc., etc. Ora, qual é o jornal que publica isto? *Politique Hebdo!* Que é criptocomunista. Que não é do P.C., mas também não é contra ele, e que anda bastante próximo dele, muito mais do que *Rouge*, etc. Passam ao ataque!

Voltando à droga: a droga, nas sociedades ricas, tornou-se um símbolo da liberdade burguesa. A própria luta de classes passa pelo problema da droga. As drogas «leves» são a burguesia, ao passo que as drogas «duras» são o proletariado. Quando disse isto em Vincennes desataram aos urros, dizendo que era uma divagação política do Lapassade. Disseram mesmo: Lapassade já não quer a Revolução na ponta da espingarda, mas na ponta da seringa!

Mas é verdade que a luta de classes é visível na questão da droga, porque nos países ricos, como os Estados Unidos e o Canadá, é de bom tom para a burguesia intelectual, liberal, um tanto de esquerda, fumar marijuana. Mas quem é que se pica? Quem é que consome as drogas «duras»? O *lumpen-proletariat*, os jovens desesperados, os jovens do *rock'n-roll*, os jovens dos festivais *pop*, os jovens das classes pobres, os proletários.

M. T. S. — Mas os lucros vão para o capital!

G. L. — Sim. Os consumidores de drogas «duras» pertencem ao proletariado, enquanto a burguesia se entretém com as drogas «leves». Mas é um problema muito complicado. E devo mesmo dizer que quando o problema explodiu em Vincennes — *por instigação da*

esquerda, entendamo-nos!, da nossa esquerda! — eu fiquei um tanto desamparado, porque não estava armado para teorizar a questão da droga, para fazer teoria política acerca deste assunto. Um dia fui ter com o Alain Badiou, que é militante maoísta muito firme, muito rigoroso, a uma aula (eu fui até à aula dele, faz parte da tradição de Vincennes irmos às aulas uns dos outros e fazermos perguntas) e perguntei-lhe: o que é que tu achas disto? Ele disse-me: «Estou contra o Conselho. Considero esses tipos sociais-fascistas. Considero que a esquerda de Vincennes, os socialistas e os comunistas são piores do que a direita (enfim, vocês conhecem a lenga-lenga dos maoístas), são sociais-fascistas, vão aumentar os 'chuis', etc. E disse-me mesmo: «És um ingénuo, só percebeste isso agora, ao passo que nós dissemos logo que são sociais-fascistas, e que assim que tomam o poder numa municipalidade a primeira coisa que fazem é aumentar os efectivos dos corpos policiais, não temos nenhuma ilusão acerca deles. Nestas circunstâncias, como é que tu queres que nós defendamos o tráfico da droga? — a única resposta é a revolução socialista, a revolução proletária. Bom. Mas não é para já, não é uma resposta imediata. Então como é que tu, com argumentos teóricos, queres defender o tráfico da droga na Universidade?» Evidentemente, não lhe soube responder.

L. S. — Bom. Mas aí temos certamente racionalizações de permeio, não é verdade? Se analisarmos objectivamente o problema vemos que a nocividade dos derivados de *cannabis* não é superior à do álcool ou do tabaco, e no entanto a esquerda nunca se lembrou de condenar o álcool ou o tabaco. Trata-se aí de um problema político, sobretudo.

G. L. — Precisamente, há um problema político. No Departamento de Psicologia de Vincennes está o Jean-François Le Ny — o Le Ny é comunista e está profundamente contra o haxixe, é o mais duro nessa campanha, até queria fazer um manifesto a pedir a expulsão dos fumadores de haxixe, primeiro, para depois se proceder a um debate. Aí eu disse-lhe:

olha que lindo serviço; primeiro pões os gajos no olho da rua e só depois é que queres dialogar! Devemos começar por dialogar, antes de pensar em expulsões! Tu também leste os relatórios sobre o *cannabis*, és um psicólogo experimental conhecido internacionalmente, sabes que não há nenhuma prova experimental da nocividade do haxixe! E o Le Ny respondeu-me: «É verdade. Tens razão do ponto de vista científico, mas não tens razão do ponto de vista político.» É isto!

L. S. — Então porquê esta resistência ao haxixe? O álcool ou o tabaco são tanto ou mais nocivos e não são proibidos, antes constituem uma excelente fonte de lucros para o capital e para o Estado. O haxixe não funcionará então como um pretexto, como um bode expiatório?

G. L. — Logo depois da descolonização marroquina, a Tabaqueira Marroquina produziu cigarros de haxixe, e os militantes e os dirigentes da luta anticolonial, contra a presença francesa em Marrocos, recomendaram ao povo marroquino que fumasse *cannabis*, «kif», que se produz aos montes em Marrocos, para não serem consumidos produtos franceses, tabacos franceses.

Enfim, é um problema deveras complicado. Eu, infelizmente, não posso aprofundar muito a questão, porque não tenho ideias muito claras sobre o problema da droga. Não é essa a posição do reitor Merlin. Um dia, um vendedor nigeriano foi apanhado pela Polícia em Vincennes, tendo sido algemado. Houve uma revolta espontânea dos estudantes, arrancaram o nigeriano à Polícia, enfiaram-no na Universidade e tiraram-lhe as algemas, que atiraram para cima do reitor, gritando-lhe: «Aqui tens o lindo resultado da tua campanha!» E Merlin respondeu: «Esse tipo é milionário! Vocês, os esquerdistas de Vincennes, defendem um tipo que ganha milhões com a venda do haxixe e da cocaína!» Evidentemente, há este aspecto da questão.

L. S. — Sim, mas o poder político, em França, não manda a Polícia algemar todos os milionários ...

G. L. — Tens aqui as actas do último Conselho da Universidade realizado antes de eu vir para Portugal, no dia 13 de Julho de 1977. Diz-se aí muito claramente que a droga foi infiltrada em Vincennes com o objectivo de fazer o jogo da Secretaria de Estado das Universidades. A tese do Partido Socialista e do Partido Comunista é que há uma conspiração contra Vincennes: enviaram os vendedores de droga para Vincennes para demolirem a imagem da Universidade e permitir assim a sua liquidação.

L. S. — Nas actas lêem-se as tuas declarações, onde afirmas que não acreditas nem na conspiração nem na ofensiva da S.E.U., e que se trata mais de uma situação de tipo italiano. O que é isso, uma situação de tipo italiano?

G. L. — Em Itália houve uma contestação gigantesca, eu estava lá e vivi isso, em Fevereiro, na qual as pessoas que lideravam o processo não eram esquerdistas do tipo dos de 68, nem trotskistas, nem maoístas, mas sim uma nova corrente contestatária na qual se encontravam os *indiani metropolitani*, isto é: pessoas que representam uma espécie de *happening*, que expulsam um líder comunista da Universidade de Roma, com tinta, petardos, fantasia, teatro, que são existencialistas do tipo *hippie*, que troçam da publicidade moderna, e que são conhecidos pelos «índios da cidade». Uma espécie de marginais organizados. Havia tipos desses. Havia tipos da Autonomia Operária, uma corrente libertária. E havia ainda os movimentos de mulheres, de homossexuais, enfim — a contracultura.

Ora todos estes movimentos lutaram simultaneamente contra as forças do capitalismo em Itália e contra as forças do Partido Comunista de Berlinguer, que não hesitou em denunciá-los como neofascistas! Quando, é evidente, não são fascistas, são pessoas da extrema-esquerda italiana.

É isto que eu chamo «uma situação de tipo italiano». É a ruptura de uma nova juventude contestatária com todas as forças do sistema capitalista e, por outro lado, *com todas as forças da esquerda instituída*. É uma situação em que os marginais se tornam uma força social

nova. Há dois milhões de desempregados em Itália, e os sindicatos dominados pelos comunistas não conseguem absorver esses marginais. É uma nova extrema-esquerda que surge em Itália. E eu penso que Vincennes vive cada vez mais uma situação de tipo italiano, onde a clivagem política, a nova força contestatária, já não é a de Maio de 68, mas se situa fora das organizações esquerdistas instituídas.

L. S. — Nas actas lê-se: «O Conselho reage como educador, desejoso de preservar o potencial da juventude e dos estudantes. É uma vitória política o termos obrigado os Corpos Especiais de Polícia a efectuar tarefas que parecem ser exigidas pela própria legalidade da República.»

G. L. — Aí está! O P.S. e o P.C. dizem: que grande vitória que nós obtivemos por termos obrigado os «chuis» a malharem nos estudantes, a prenderem os tipos que fumam haxixe!!! O P.C. e o P.S. pulam de contentes porque em seu entender conseguiram obrigar a Polícia a efectuar prisões!!! A prender jovens! Estamos entendidos, ou não? Queres ler outra vez?

L. S. — Não é preciso, a coisa é suficientemente clara.

G. L. — Muito clara! O desafio que lancei e lanço a esses tipos é que me respondam à seguinte pergunta: acham realmente que foi a S.E.U. que enviou para Vincennes os vendedores de droga com o objectivo de comprometer a Universidade? Claro que a isto não me respondem. Não podem dizer que sim. Mas dizem: o Governo estabelece um acordo com a Polícia e não prende os traficantes, de forma a criar na nossa Universidade uma situação de crise. E portanto o que há a fazer é obrigar os C.R.S.¹ a intervir. É aqui que está o problema político, na opinião deles: o Poder utiliza a droga para desmantelar, desvalorizar e finalmente fechar uma Universidade de esquerda. Por mim, não acredito nisso nem um bocadinho. E porquê? Porque o poder de direita em França não tem interesse nenhum em fechar Vincennes, que serve de escoador, e tem

¹ Polícia de choque francesa.

a sua função: vejam essa Universidade onde as pessoas fodem, vejam essa Universidade onde as pessoas tomam drogas, vejam essa Universidade totalmente degradada, etc. Muito bem: o Governo precisa disso!

O que é giro é que os socialistas e comunistas que em Vincennes vociferam contra a droga, bebem imenso *whisky* e fumam tabaco como desalmados, sem pensarem que também isso são drogas. Têm os preconceitos clássicos, policiais, de uma sociedade burguesa policial. Que é que eu posso fazer contra isso?

Mas ouvi mesmo um anarquista espanhol, em Vincennes, num dos muitos debates que organizei nos últimos meses acerca desta questão da droga, dizer: «A droga sim senhor, mas o que é certo é que o Governo de Suarez, após a liberalização pós-franquista, ao ver o arranque ameaçador das forças da extrema-esquerda, introduziu a droga, o haxixe, para intoxicar a juventude e despolitizá-la!» Portanto, aqui têm vocês um tipo da extrema-esquerda, e mesmo anarquista, que também diz que a droga é um instrumento político da burguesia e do capital com o objectivo de despolitizar as massas. Inversamente, há quem diga que a China maoísta espalha a droga pelo mundo inteiro com o objectivo de destruir o sistema capitalista, etc. Há uma série de fantasmas em torno do problema da droga!

M. T. S. — Então a droga é um dos analisadores fundamentais de Vincennes?

G. L. — Não a droga, mas a questão da droga. A repressão da droga, o facto de este Conselho de Universidade, dito de esquerda, ter votado no mês de Março passado, em unanimidade menos um voto (o meu), encerrar o *souk* árabe e acabar com o comércio da droga em Vincennes. O facto de este Conselho dito de esquerda ter feito aliança com a Brigada dos Estupefacientes, *uma aliança secreta*, que só foi revelada muito mais tarde *pela própria Polícia*, que, pressionada, acabou por declarar: «Mas afinal ficou combinado, num encontro entre o reitor Merlin e a Polícia que se faria isto, e isto, e isto, e isto.» Bom. Tudo isto constituiu para mim um analisador. Mas qual ana-

lisador? Pois, um *analisador político*. A mim, Lapassade, isto revelou-me que a esquerda francesa, socialista e comunista, é provavelmente ainda mais policial do que a direita francesa de hoje. E que, se a esquerda francesa tomar o Poder em 1978, e o Mitterrand for Primeiro-Ministro, a vida quotidiana será ainda menos livre do que com o Raymond Barre e o Giscard. O que não significa que eu vá votar pelo Barre e pelo Giscard! Isto quer dizer é que temo muito que se a esquerda chegar ao Poder teremos todos de aguentar os inconvenientes da direita *mais* os inconvenientes da esquerda! E eu, que ainda há seis meses andei a colar cartazes em Paris, a convidar as pessoas a votarem no Programa Comum, não o farei — foi isto o que aprendi com a história da droga em Vincennes.

M. T. S. — Concordo que a questão da droga é um elemento analisador fundamental. Mas não só no plano político. Porque, por outro lado, pergunto qual é o impacto da droga do ponto de vista pedagógico, no diálogo professor-estudante no processo dinâmico das aulas?

G. L. — Quase nulo, infelizmente. E eu reparei até que no Departamento de Ciências da Educação, onde há uma forte concentração de psicossociólogos e de clínicos, onde vemos coexistirem todas as formas modernas e clássicas de terapia de grupo, toda essa malta não se quis queimar com a questão da droga. Ficaram calados.

M. T. S. — E porquê?

G. L. — Ah, porque não sentem que a sua profissão de clínicos deva ser posta ao serviço de Vincennes, enquanto instituição. Disseram-me até: «Mas ninguém veio ter conosco! Os drogados não nos consultaram!» Se calhar estão à espera que os drogados façam acto de submissão e obediência, e lhes peçam uma terapia!

M. T. S. — Recordo-me de uma experiência em que participei, uma experiência de *mini-Society*, onde em cem pessoas havia aí uns vinte drogados, mas de droga «dura»; e foi muito curioso porque na verdade esses tipos foram sistematicamente os elementos activos

da experiência, pondo em causa todos os processos pedagógicos, a dinâmica, a bioenergia, a *gestalt*, etc.

G. L. — Sim, sim! Eu no Québec fiquei impressionado porque as pessoas que mais me ajudaram numa intervenção que aí fiz na Universidade não foram os jovens psicossociólogos destacados e pagos para me servirem de assistentes, mas sim os jovens da contracultura — *hippies*, drogados, etc., que tinham uma visão muito clara da instituição, muito contestatária e activa.

M. T. S. — E em Vincennes também é assim?

G. L. — Hum ... Menos! Enfim, estão para ali, não chateiam. São uma espécie de provocação viva. Há um grande anfiteatro que serviu de *forum* político durante nove anos. Agora está abandonado, porque as assembleias gerais já não funcionam. As pessoas já não vão lá. Estão cansadas dos discursos esquerdistas. E esse anfiteatro foi abandonado. Os drogados instalaram-se aí. Faziam ali o seu comércio e também concertos de música *pop*. O anfiteatro tinha um pouco o ambiente de uma cripta religiosa. E as pessoas iam lá ver, espreitar, muito curiosas, entravam de mansinho e de mansinho voltavam a sair — era simultaneamente um pólo de atracção e de repulsão. Como uma grande arena de rituais. De grande mistério. Um terreiro de missa negra, um *sabbath*. E isto punha problemas às pessoas. Foi sobretudo isso que irritou o Conselho de Universidade. Era um desafio. Era a contracultura. Era qualquer coisa insólita, inadmissível, era a transgressão, era insuportável!

M. T. S. — E qual é a relação que existe entre ti e essa malta?

G. L. — Para mim são gajos porreiros. São camaradas.

M. T. S. — Para eles és um gajo porreiro, um camarada?

G. L. — Acho que sim. Sou alguém que os defende. A única pessoa que os defende. Sou alguém que contacta com eles.

L. S. — E para os outros és um palhaço?

G. L. — Não, não. Para os outros, os esquerdistas dizem: «Bom, ele tem razão, ao fim e ao cabo a coisa não é clara», etc. É a posição de Badiou. Dizem que não tenho a teoria certa, mas que talvez tenha razão ao atacar os «revisas», embora esteja a esbanjar energias por causa desses drogados, etc. Enfim, muita gente da extrema-esquerda não me apoiou mas também não me hostilizou. Quanto aos P.S.-P.C., diziam que eu estava errado em defender uns drogados nocivos à Universidade, à boa imagem de Vincennes, etc.

M. T. S. — Não sei se faz sentido neste contexto, mas por alguma razão eu estabeleço uma relação: li num dos teus livros, a propósito das tuas primeiras experiências com a bioenergia — lembras-te? —, houve um tipo que entrou em transe ... Não me lembro muito bem, mas tenho a impressão de que a tua descrição desse primeiro seminário de bioenergia a que assististe, traduz uma reacção à bioenergia muito semelhante àquela que descreveste noutros em relação à droga?

G. L. — Não. A minha reacção à bioenergia não foi de modo nenhum negativa. O que se passou nesse primeiro seminário é bem simples. Era em 1973, na altura em que em França se fazia a primeira experiência de bioenergia. Fui lá por acaso, porque Michel Lobrot encontrou-se comigo no Festival de Avignon e disse-me: «Olha, vou ao castelo de Mons, onde há uma grande reunião de psicossociólogos.» Respondi-lhe que estava farto de T-grupos, que não ia, não me apetecia passar as férias no meio de psicossociólogos, já me bastava durante o ano. Mas estavam lá uns amigos que me convenceram, de que valia a pena lá ir, e eu acabei por ir. Cheguei lá pensando que ia encontrar pessoas sentadas a analisar as relações no grupo, e que é que eu vi? Nada disso. Encontrei pessoas à volta de uma grande árvore, num grande relvado, ao sol, gritando, rebolando-se no chão aos gritos, chorando. E fiquei fascinado!... Era uma sessão de bioenergia, conduzida admiravelmente por Scott e um grupo de americanos, e tinha uma pinta incrível. Pedimos para participar e disseram-nos que não

podia ser nada, porque havia uma questão de pagamento a resolver. Protestámos e entrámos por ali dentro, agredindo o grupo. Deixaram-nos gritar, trabalhar e correr com eles e subitamente puseram-nos na rua, expulsaram-nos. Nós ficámos perturbados. Voltámos para lá gritando: «*Yankees go home! Cuba sí, Yankees no!*», danados com eles. Então eles começaram aos berros: *Politic's shit! Politic's shit!*» Havia um tipo que estava em transe, no chão, e que batia com as mãos e com os pés repetindo com força: «*Politic's shit! Politic's shit.*» Posteriormente, em Marrocos, com um amigo que pertence neste momento à Frente Polisário, compreendi que o *Vôdu* é a bioenergia dos africanos, assim como a bioenergia é o nosso *Vôdu*, a nossa Macumba ... Mas enfim, isso é a conversa de amanhã ...

Voltando à questão da droga, é giro ver-se a relatividade cultural dos efeitos da droga. Numa experiência realizada numa Universidade americana, deram cogumelos mexicanos (*peyotl*) a grupos diferentes, a um grupo de brancos e a um grupo de índios mexicanos. Ora, enquanto no grupo dos brancos o *peyotl* teve por efeito reacções persecutórias, paranóicas, no grupo de índios mexicanos obtiveram-se reacções exactamente inversas: sentimentos de felicidade, êxtase, paz, amor pelos outros, etc. Eu próprio passei por essa experiência — e no entanto, não sou índio, sou europeu. No ano passado, em Marrocos, tomei uma dupla dose de cogumelos mexicanos. Comecei por ficar *speedado*, num estado de grande excitação e nervosismo. Estava a jantar em casa de uns amigos e não conseguia controlar-me, ria, etc. Deram-me «*Valium*», ou um calmante qualquer, já não sei. Esses amigos eram verdadeiros «profissionais», muito técnicos, bons consumidores de droga, estudantes de etnologia em Bordeaux, e acalmaram-me imediatamente com um comprimido da sua «farmácia privada». «Desci» em menos de cinco minutos, e naquele momento tive medo de ter perdido tudo. Ora, nesse instante, apareceram na rua uns músicos negros *gnauoua*, que tocam nos *stambali*, tocam nos ritos de possessão que an-

tecedem o Ramadão, de 15 de Julho a 15 de Agosto. Eram aí umas nove da noite.

Desci rapidamente para a rua e segui-os. Fui com eles para uma casa no bairro mais pobre da cidade, no bairro das prostitutas e dos pescadores. Nessa casa iniciei a minha «viagem», o meu êxtase, um êxtase fantástico. Naturalmente, nessas sessões nocturnas há agressões, porque isso provoca uma libertação das tensões simultaneamente eróticas e agressivas e as pessoas do povo rejeitam os europeus. Mas neste caso não aconteceu nada disso. Fui totalmente aceite. Senti-me totalmente à vontade entre eles. Falávamos amigavelmente. Eles aceitavam-me... Eu aceitava-os... Os próprios músicos, que normalmente cravam os turistas e são um pouco distantes — o que é embaraçoso —, pois... não fizeram nada disso. Estávamos numa salinha recolhida, e nos intervalos da música vinham sentar-se ao pé de nós, no sofá, e fumavam connosco... Passávamos o cachimbo uns aos outros, como um cachimbo de paz... Na alvorada, no fim do ritual, sai e fui para os lados das fortificações da cidade, onde está o porto e se servem bebidas quentes. É lá que tomam o pequeno almoço os camponeses antes de apanharem o autocarro que os conduz ao trabalho. Enquanto tomava um café olhei através da espessa porta de pedra, de estilo árabe, donde se entrevia uma estação de serviço muito pobre, suja, e onde estacionavam os autocarros populares. O dia mal nascera... Quase não havia luz, o dia mal despontava e uma bruma cobria o mar... Nesse momento tive o sentimento daquilo a que se chama existência de Deus. As coisas vibravam, como se as pedras respirassem, como se a matéria, tudo respirasse, entendes? Mas não Deus no sentido de um Ser transcendente, que nos domina, que nos dirige, etc. — mas o Deus de Heidegger, o Ser das Coisas, a presença divina, metafísica das Coisas, das Coisas como totalidade, como presença, como estar-aí, absolutamente acolhedoras, como poesia, como obra de arte. A obra de arte era aquele autocarro, aquela bomba de gasolina, era o mundo... Era fantástico e não era alucinação. Era uma revelação-

-do-mundo, amor pelas Coisas e presença das Coisas, uma espécie de contacto imediato com a Coisa. Nesse momento eu era índio. Essa experiência da droga foi para mim extremamente positiva e creio que uma boa utilização da droga permite antecipar o que poderia ser o Homem livre, no futuro. Se o Homem pode ser livre um dia, aumentar as suas potencialidades ... Quando o potencial humano que dorme em nós se desenvolver, teremos esse contacto mais humano, mais verdadeiro, mais quente, mais amigável, não persecutivo, sem agressões entre nós, com amor entre as pessoas, uma espécie de pacificação das relações humanas. Quando se consome bem a droga isso permite antecipar esse momento, dá mais lucidez e torna positivo o que é negativo. Não dura muito, não é permanente, mas é extraordinário. Penso nesses tipos do Partido Comunista e do Partido Socialista, como esse Merlin, reitor de Vincennes (que é um tipo contido, género protestante, militante, muito fechado, o homem da couraça de Reich) que nunca consumiu cogumelos mexicanos! Nunca! Não o poderia fazer, acharia horrível consumir nem que fosse uma partícula de poeira de cogumelos mexicanos! Seria um crime, seria o Senhor Reitor mergulhado no deboche! Seria uma horrível transgressão, uma degenerescência monstruosa! Ele é o contrário disto, é o Homem da Ordem. E no entanto este tipo de experiência é insubstituível.

L. S. — Acho que sim. Acho que fizeste uma bela descrição das tuas sensações, dos teus sentimentos sob o efeito da droga. Mas penso também que há aqui qualquer coisa de absurdo, porque esse é o tipo de sensações que não é possível comunicar, por muito belas que sejam as palavras que arranjemos. Falaste da tua experiência marroquina de *peyotl*. Muito bem. Qualquer de nós poderia começar agora a descrever experiências similares. Mas seria tão absurdo como começarmos a tentar descrever uns aos outros os orgasmos que vivemos. É o tipo de coisas incomunicáveis. Foi por isso que há pouco tentei ultrapassar o aspecto subjectivo da questão e te desafiei a recorrer ao

tema da droga enquanto *analizador* do medo das pessoas que aqui e agora a renegam como diabólica, isto é, como símbolo de uma contracultura que as ameaça na sua instalação no quotidiano.

G. L. — Mantenho o que disse na conversa anterior². A droga remete-nos para um estado primitivo de inacabamento. Um dos efeitos da droga é remeter-nos para a neotenia humana, para a disponibilidade cortical, para a presença da criança-no-mundo. É uma espécie de reencontro do nosso inacabamento. E do homem futuro enquanto inacabado. Não digo que a droga possa mudar a vida. Mas trata-se aqui de mais do que um problema de discurso sobre as alterações sensoriais. É um problema filosófico, antropológico, mais profundo. É que a droga permite-nos perfurar a carapaça humana e reencontrar a infância recalcada em nós.

O problema ultrapassa o âmbito de uma psicologia das sensações interiores. É um problema de presença, de relação com o mundo e com os outros, que existem algures como possibilidade. Para mim essas experiências foram como domingos da vida, como festas, como estados de graça e de fraternidade. É a isso que eu chamo a política do êxtase.

Lisboa, 4 de Julho de 1977
(Transcrito do gravador)

RÉSUMÉ

Dans cet entretien, conduit par M. Tavares da Silva et L. Soczka, Georges Lapassade aborde les problèmes politiques, pédagogiques et institutionnels de l'Université de Vincennes, où ce dernier est professeur; l'attitude des courants politiques dominants à Vincennes face au problème de la drogue est analysée. Les parallélismes entre l'expérience de la drogue, notamment des substances allucinogènes, et la bioénergie sont discutés. Georges Lapassade décode l'aspect idéologique du discours du Pouvoir face à la drogue, et conclut à la nécessité d'une politique de l'extase.

² Cf. «O mito do adulto», *Análise Psicológica* (1977), 1:13-22.